

PARTEIRAS DA FLORESTA Encontro no Amapá reúne 400 mulheres da Amazônia e de países da Europa e da América Latina

Aparadeira de bebê ensina 'o bom nascer'

AURELIANO BIANCARELLI
enviado especial a Macapá

Parteiras da floresta amazônica estão ensinando os cuidados e os segredos de um "bom nascer". A fórmula dessas mulheres está na paciência, no escutar atento, no saber a hora e no respeito aos desejos das parideiras.

As "aparadeiras de bebês" estão sendo ouvidas no 1º Encontro Internacional de Parteiras da Floresta, que reúne neste final de semana em Macapá (AP) mais de 400 mulheres da Amazônia e países da Europa e América Latina.

Os "segredos" que as parteiras da floresta vêm ensinando são os mesmos pregados por grupos ligados a universidades, ONGs e por alguns serviços do Ministério da Saúde. Formam o conceito de parto humanizado, onde mãe e criança são respeitadas.

Dados oficiais sugerem que entre as 2,8 milhões de crianças nascidas em 1996, no país, pelo menos 500 mil vieram ao mundo fora dos hospitais, ou seja, pelas mãos das parteiras — pouco mais de 15% do total. No Brasil inteiro, seriam 60 mil as mulheres que se dedicam ao que elas mesmas classificam de uma "missão" e uma "graça". Desse total, 40 mil estariam nas regiões Norte e Nordeste.

O encontro das parteiras da floresta é promovido pelo governo do Amapá em parceria com a Rede Nacional das Parteiras Tradicio-

nais e da ONG Cais do Parto, do Recife. É apoiado também pelo Ministério da Saúde e pela Unicef.

Segundo coordenadoras da Rede Nacional, o Amapá foi escolhido para o encontro por ser pioneiro num programa conhecido como Parteiras Tradicionais. Cerca de 370 parteiras cadastradas estão sendo recicladas e já receberam um kit com balança para pesar o bebê, toalhas e lanterna para as saídas à noite, no meio da mata. A iniciativa está entre os 20 finalistas do programa "Gestão Pública e Cidadania-98", premiados pelas fundações Getúlio Vargas e Ford.

O encontro acontece no momento em que o Ministério da Saúde passa a remunerar o trabalho de parto das enfermeiras obstetrias. Até agora, só o médico ganhava, mesmo que o procedimento fosse feito por uma enfermeira.

As parteiras tradicionais, no entanto, ainda não são remuneradas nem reconhecidas, afirma Suely Carvalho, 47, enfermeira e parteira há 22 anos e uma das coordenadoras da Rede Nacional de Parteiras e da ONG Cais do Parto.

Suely faz partos em Olinda e Recife, atendendo mulheres que têm seus filhos em casa por opção. "Lutamos para que a mulher tenha o direito de escolher", afirma Dayse Reis, do Cais do Parto. "Se preferir o hospital, que seja atendida com respeito."

O jornalista Aureliano Biancarelli viajou a convite do Governo do Estado do Amapá

Ritual inclui orações

do enviado especial

As orações fazem parte do ritual das parteiras da floresta, assim como os chá de ervas e as massagens.

Quando são avisadas de que alguma mulher espera por elas, tomam primeiro um banho e partem rezando até o destino.

Dizem as parteiras que antes de ajudar uma mulher em trabalho de parto, a forma como as orações são pronunciadas dirá se haverá ou não dificuldades.

As rezas se modificam em cada região, dizem as mulheres do Cais do Parto.

Mas os santos protetores em geral, são os mesmos. Nossa Senhora do Bom Parto é a protetora mais conhecida. Mas há quem peça a ajuda de são Bartolomeu e de são Raimundo Nonato.

No nascimento

Há orações para cada momento do nascimento. Uma delas, dedicada a santa Margarida, é empregada quando a mãe tem dificuldade para expulsar a placenta.

"Santa Margarida", diz a oração, "não tô mais preta, nem parida; tira de dentro de mim, isso que não me serve mais."

As mulheres da Rede Nacional de Parteiras querem que as mulheres conservem suas crenças e tradições, mas afirmam que o mais importante para as novas parteiras é a herança dos sentimentos.

A parteira tem, sobretudo, que respeitar o corpo da outra mulher, entender os seus momentos e as suas vontades, ser paciente e solidária.

Cordel

Um cordel do poeta de Caruaru Olegário Fernandes da Silva sobre "a história das parteiras tradicionais do agreste de Pernambuco" retrata a abnegação dessas mulheres.

"As parteiras tradicionais têm o dom da natureza; na hora do sacrifício, fazem a maior defesa; mostrando às suas comadres força, coragem e grandeza." Em outro trecho, afirma: "O cavalo é o único transporte para chegar em cima da serra; coragem, fé e amor enfrenta esta guerra; esta é a nossa missão enquanto viver na terra."

fsp
19/7/98 3603-7
77

PARTEIRAS DA FLORESTA *Com 11 filhos e 20 netos, mulher já fez mais de 200 partos e é chamada de "madrinha"*

Rossilda, 62, aprendeu a partejar com a avó

do enviado especial a Macapá

Boa parte dos moradores de Curiaú de Dentro e de Curiaú de Fora chamam "dona" Rossilda Joaquina da Silva de madrinha. Rossilda, 62, 11 filhos e 20 netos, tem 30 anos como parteira e fez mais de 200 partos nos dois Curiaús, distritos do município de Macapá.

Os bairros são antigos quilombos e Rossilda conta que aprendeu a partejar com a avó Joaquina, filha de escravos. Quinze anos atrás, fez um estágio na maternidade lo-

cal e agora está entre as parteiras cadastradas, com direito a uma cesta básica e a um kit que inclui uma lanterna amarela.

Hoje Rossilda associa o que vem aprendendo no estágio aos conhecimentos e recursos comuns às parteiras da floresta. Emprega chás de ervas, faz massagens — "puxadas na barriga para aquecer o bebê e tirar a dor" — e fica o tempo todo junto da mãe.

"Confiança e coragem é o que elas mais precisam", diz Rossilda. Na maioria das vezes, ela diz que

apenas assistiu ao parto. "Quem faz nascer é a mãe mesmo."

As mulheres que na sexta-feira estavam chegando para o encontro das parteiras da floresta se apresentavam justamente como assistentes. Parto normal precisa só de assistência, não de intervenção, elas diziam.

Rossilda está entre as parteiras integradas a um programa e que, teoricamente, pode recorrer a ajuda médica. "Mas milhares de crianças nascem por aí e ninguém sabe como", afirma Eli Almeida,

secretária do Trabalho e coordenadora do encontro de Macapá. "Os governos nem sabem como suas crianças estão nascendo."

Rossilda diz que as mulheres que podem estão começando a preferir a maternidade. "Em casa, ficam com vergonha de gritar. No hospital ninguém liga."

As parteiras são chamadas pelas famílias assim que a mulher apresenta sinais de dilatação ou está sentindo dores. "Sem dor ninguém nasce", diz Rossilda. É a parteira quem corta o cordão um-

bilical e dá banho na criança. Faz assim durante oito dias, cuidando do bebê e ensinando a mãe. Depois a mãe seguirá uma dieta de 40 dias com caldo de galinha, mingau de aveia e de banana. Não deve comer nem pato, nem piranha.

Rossilda afirma que nenhuma mulher e nenhuma criança morreu em suas mãos e que nunca precisou de ajuda médica.

Mas que já viu muita mulher sofrer, como da última vez, "uma menina de primeira barriga" que passou horas com dores.

Não há dados comparativos entre a mortalidade materna em partos realizados em casa e aqueles feitos em hospital. Ivete Lourenço, da Rede Nacional de Parteiras e da ONG Cais do Parto, diz que o alto número de cesáreas em hospital aumenta os riscos de infecções para a mãe e o filho. Consequentemente, a mortalidade materna poderia ser maior nas maternidades. Já a mortalidade infantil tende a ser maior nos partos assistidos apenas por parteiras.

(AURELIANO BIANCARELLI)

19-7-1998 3-7 com